

# Dispositivo interacional, interseccionalidade e biopotência: Nath Finanças, entre a autovalorização e a promoção da precariedade

Interactional device, intersectionality and biopotency: Nath  
Finanças, between self-worth and precariousness promotion

Pâmela Guimarães-Silva<sup>[\*]</sup>  
pamelaguimaraes14@gmail.com

## RESUMO

Neste artigo, apresentamos a *persona* Nath Finanças, um projeto da estudante de administração e educadora financeira Nathália Rodrigues, para produzir conteúdos sobre educação financeira para pessoas de baixa renda em redes sociais, iniciado em fevereiro de 2019. Entendemos essa atuação e presença digital como um dispositivo interacional (BRAGA, 2020) na medida em que ela organiza quadros de sentido e os modos de vida. Este ano (2020), o projeto Nath Finanças passou por um episódio em que foi vítima de escárnio, protagonizado pelo jornalista Luis Nassif. As críticas, que tiveram apoio de outros internautas anônimos, colocaram em questão o limite entre autovalorização, ainda que em condição de subalternidade, e a promoção da precariedade. Tal questão se constitui no problema central deste artigo, que é abordado a partir dos conceitos de dispositivo interacional (BRAGA, 2020), de biopotência (PELBART, 2002) e de interseccionalidade (CRENSHAW, 1989). Concluímos que o ataque apenas reflete uma recusa social à hermenêutica, que considera os marcadores sociais de diferenças como cruciais para entender as interações e promover justiça social.

**Palavras-chave:** Biopotência. Interseccionalidade. Dispositivos interacionais.

## ABSTRACT

In this article, we present the *persona* Nath Finanças, a project by the administration student and financial educator Nathália Rodrigues, to produce financial education content about low-income people on social networks, started in February 2019. We understand digital presence and performance as an interactional device (BRAGA, 2020) insofar as it organizes frames of meaning and ways of life. This year (2020), the Nath Finanças project went through an episode in which it was the victim of scorn, led by journalist Luis Nassif. The criticisms, which were supported by other anonymous internet users, questioned the boundary between self-worth and promoting precariousness. Such an issue has become the central problem of this article. Thus, we developed it from the concepts of biopower (PELBART, 2002) and intersectionality (CRENSHAW, 1989). We conclude that the attack only reflects a social refusal to hermeneutics that considers the social markers of differences as crucial to understanding interactions and promoting social justice.

**Keywords:** Biopotency. Intersectionality. Interactional devices.

<sup>[\*]</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha, Belo Horizonte (MG).

## Introdução

*“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência  
É roubar o pouco de bom que vivi”.*

Emicida (2016)

Nos últimos anos, o professor José Luiz Braga (2017, 2018, 2020) tem concentrado seus esforços de pesquisa em mostrar como a crescente midiaticização das práticas sociais contemporâneas afeta a lógica de funcionamento dessas, independentemente de suas naturezas. Assim, mais do que uma busca por determinar um *status* — sobre a sociedade moderna ser ou não midiaticizada —, trata-se de um investimento do pesquisador em desvelar a atualidade como um momento em que novas ambiências surgem constantemente e forjam, em seus interiores, processos interacionais.

A essas ambiências, que estabelecem disposições e configuram modos de agir por meio da rede que as constituem, Braga chamou de dispositivo interacional (BRAGA, 2017, 2018, 2020), uma derivação da proposição de dispositivo de Foucault. Antes de prosseguirmos, cabe aqui uma ressalva: a proposta de Braga não se confunde com a noção de dispositivo midiático ou sociotécnico; embora os dispositivos midiáticos possam oferecer dispositivos de interação, nem todos os dispositivos de interação serão dispositivos midiáticos<sup>11</sup>. A nosso ver, são exemplos das ambiências propostas por Braga, as plataformas virtuais, como o *Facebook*, o *Twitter*, o *Youtube* e outras. Nessas redes sociais digitais, “o fluxo comunicacional não para e novos episódios interacionais, diferenciados, se iniciam: produzem leituras, objeções, debates, apropriações e desenvolvimentos em deriva” (BRAGA, 2017, p.46).

Nesse sentido, propomos uma análise da *persona* Nath Finanças, um projeto da estudante de administração

e educadora financeira Nathália Rodrigues, para produzir conteúdos online de educação financeira para pessoas de baixa renda<sup>12</sup>, iniciado em fevereiro de 2019. Com conteúdos próprios postados no *Instagram*, no *Twitter* e no *Youtube*, Nath Finanças propõe ressignificação de sentidos e signos que envolvem a vida financeira de pessoas baixa renda — relacionamento com os bancos, saúde mental e endividamento, organização dos gastos, contexto familiar, viagens, entre outros processos que geram códigos e produzem inferências — e, assim, cria um espaço de interação.

É com base nessa dinâmica que entendemos a atuação e a presença digital da Nath Finanças como um dispositivo interacional. Isto é, não se trata apenas do formato ou das plataformas em que tais conteúdos são disponibilizados, mas do papel que desenvolve organizando quadros de sentido, modos de vida, e, assim, atua como modeladora das interações sociais. Nossa proposta, então, aborda esse objeto não apenas por ser midiático, mas por nos permitir “esquadrinhar suas lógicas internas e relações com contextos” (BRAGA, 2020, p.19).

Com pouco mais de um ano de existência no *Youtube*, o Canal “Finanças com a Nath” conta com mais de 130 mil inscritos; no *Twitter* o perfil tem mais de 339 mil seguidores; e no *Instagram* cerca de 156 mil seguidores<sup>13</sup>. Trata-se de um fenômeno midiático que tem chamado a atenção de diversos veículos de comunicação, economistas e outros influenciadores digitais. Não raramente, seu nome ou o nome de seu canal aparece nos *Trending Topics* do *Twitter*, e os memes em que os seguidores desabafam sobre peripécias financeiras e pedem conselhos para a jovem são destaques na blogosfera<sup>14</sup>.

Entretanto, sua rápida ascensão não trouxe apenas engajamento positivo. Recentemente, Nathália passou por um grande revés público: Luis Nassif, um jornalista especializado em escrever sobre economia em grandes e tradicionais veículos, como a revista *Veja* e o jornal *Folha de*

<sup>11</sup> Para Elton Antunes e Paulo B. Vaz (2006), a mídia é um dispositivo, na medida em que se “compreende as dimensões da comunicação como certo arranjo espacial, uma forma de ambiência, e um tipo de enquadramento que institui um mundo próprio de discurso” (ANTUNES, VAZ, 2006, p.46). Eles são: 1) uma forma específica de manifestação material dos discursos, de formatação de textos; 2) um processo de produção de significação, de estruturação de sentido; 3) uma maneira de modelar e ordenar os processos de interação; e 4) um procedimento de transmissão e difusão de materiais significantes (ANTUNES; VAZ, 2006, p.47). Esses dispositivos, entretanto, não se confundem com os interacionais, na medida em que o dispositivo de interação se organiza social e praticamente como base para comunicação entre participantes (2011), podendo um mesmo dispositivo de interação abranger diversas materialidades e, portanto, diversos dispositivos midiáticos.

<sup>12</sup> Embora já exista uma extensa literatura que nomeie a classe social de forma mais adequada, o texto opta por manter os termos utilizados pela *persona* Nath Finanças em todos os seus canais ao se definir e definir seu público-alvo. Trata-se de uma escolha embasada na não descaracterização do objeto como sendo um sujeito cognoscente capaz de realizar (auto) definições.

<sup>13</sup> Dados em: 19 mai. 2020.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2PmxSaP>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

São Paulo, compartilhou em suas redes sociais uma matéria do Portal G1 em que Nathália Rodrigues oferece dicas sobre como começar o ano economizando e, na legenda, fez algumas críticas públicas à jovem. A fala do jornalista dividiu os internautas entre defensores e detratores da jovem, do seu canal e de Luis Nassif. Na ocasião, Nath Finanças foi apelidada, por internautas, de *coach de pobreza*.

O episódio se alinha a nosso interesse de pesquisa do doutoramento — que analisa interações produzidas por dispositivos interacionais não hegemônicos — e inquietou-nos. A partir disso, formulamos a pergunta que guiará nosso artigo como: *um dispositivo interacional, que produz a valorização da vida tal como ela é (ainda que seja em meio a subalternidade), seria promotor das lógicas de precarização da vida?*

Para responder a tal questionamento, primeiro buscamos apresentar a Nath Finanças, como um projeto digital de educação financeira. Em seguida, apresentamos detalhadamente o caso em que Nath Finanças recebe o apelido *coach de pobreza*. Em um terceiro momento, exploramos a noção de dispositivo interacional (BRAGA, 2020) e mostramos como estudar o projeto Nath Finanças como um dispositivo interacional permite apreender sua originalidade e sua oferta comunicacional em visada produtiva de conhecimento de suas características específicas. A partir desse ponto, começamos nossa discussão sobre como tais ambiências são permeadas por um lado pela sobreposição de opressões e por outro pela disputa de voz e visibilidade. Por fim, apresentamos como o episódio de escárnio ao conteúdo produzido por Nathália Rodrigues reflete uma recusa à hermenêutica que se apoia em marcadores sociais de diferenças para analisar as práticas interacionais.

## Nath Finanças: uma proposta de levar educação financeira para pessoas de baixa renda por meio das redes sociais

A jovem Nathália Rodrigues — mulher, negra, periférica, de 21 anos —, explica, por meio de vídeos curtos e postagens, o passo a passo para se organizar financeiramente, poupar e investir, mesmo ganhando pouco. Seu canal, “Finanças com a Nath”, surgiu em 01 fevereiro de 2019 e até 28 de dezembro de 2019 já contava com 47 vídeos, que podem ser agrupados em: 1) dicas e explicações sobre investimentos (14 vídeos); 2)

explicações sobre endividamento e dicas para limpar o nome (3 vídeos); 3) informações sobre Imposto de Renda e FGTS (4 vídeos); 4) dicas sobre renda extra (3 vídeos); 5) controle e organização da vida financeira (12 vídeos); 6) saúde mental a partir da situação financeira (2 vídeos); 7) como viajar ou sair à passeio gastando pouco (4 vídeos); 8) relacionamentos com bancos (3 vídeos).

Natural de Nova Iguaçu e estudante de Administração, em diversas entrevistas, a jovem conta que começou a se interessar pelo tema a partir das aulas de matemática financeira da faculdade e ao perceber as dificuldades do pai, que é assalariado, para equilibrar o orçamento doméstico.

O canal faz parte de um projeto maior, que produz conteúdo também para o *Twitter* e para o *Instagram*, e que tem como missão: “Ensinar educação financeira de uma maneira fácil e prática para quem nunca estudou ou não entende do assunto” (RODRIGUES, 2019, em postagem no *Instagram*) e como objetivo: “conseguir que todos os inscritos e seguidores saiam do vermelho e tenham conhecimento sobre como utilizar seu dinheiro” (RODRIGUES, 2019, em postagem no *Instagram*).

O perfil no *Instagram* começou em 29 de março de 2019 e até 26 de dezembro de 2019 já contava com 100 publicações, seguindo a mesma linha temática apresentada no *Youtube* e acrescentando outras quatro modalidades de publicações: 1) memes (1 postagem); 2) mensagens motivacionais (4 postagens); 3) publicações pessoais e que divulgam ou relatam eventos (39 postagens) e, por fim, 4) manifestações políticas (1 postagem). As publicações do perfil do *Instagram*, em sua maioria, trazem *prints* das postagens feitas por ela no *Twitter* e/ou dicas que, no final, encaminham o público para seus vídeos no Canal “Finanças com a Nath”.

No *Twitter*, a presença começou de forma pessoal, em 2017. Entretanto, seguindo seu posicionamento nas outras redes, em fevereiro 2019, seu discurso se alinha à sua proposta e passa a ser sobre educação financeira. No *Twitter*, ela conta com mais de 230 mil seguidores e, além das chamadas para os vídeos, a dinâmica de maior interação é uma brincadeira que funciona como uma espécie de confessionário no qual os internautas, usando a hashtag [#NathFinancasEu](#), confessam seus acertos e deslizes financeiros da semana.

Em números, a primeira vez que essa brincadeira aconteceu, rendeu, em 48 horas, quase duas mil interações orgânicas<sup>151</sup>. A dinâmica chegou a ocupar os *Trend Topics* do

<sup>151</sup> Engajamento espontâneo sem investimento financeiro.



**Figura 1.** Imagem do canal “Finanças com a Nath”.

Fonte: Captura de tela do *Youtube*.



**Figura 2.** Imagem do perfil Nath Finanças.

Fonte: Captura de tela do *Instagram*.

*Twitter* como o quarto assunto mais comentado no Brasil. Como é corriqueiro no ambiente virtual da atualidade, outro desdobramento da atuação de Nathália Rodrigues é o surgimento dos chamados memes (FIG 3), que também tematizam o conteúdo criado pela jovem.

Nesse sentido, segundo suas próprias definições, sua *persona* é construída com a finalidade de trabalhar conceitos complexos da economia, transformando-os em conteúdos mais simplificados e palatáveis para todos. Optamos pelo termo *persona* como uma junção das noções de *brand persona* (BRITO, 2010, p.1) e influenciadora (DREYER, 2017, p.64), que, a nosso ver, compõem a presença digital transmidiática acima proposta. Assim como os influenciadores, a estudante tem ampla presença e relevância digital. E também, assim como as empresas, seu objetivo é entregar um serviço próprio de educação financeira para “trabalhadores que ganham um salário mínimo, estudantes, desempregados e estagiários” (RODRIGUES, 2019, em postagem no *Instagram*).

Como parte de sua proposta, Rodrigues também faz interlocuções entre equilíbrio financeiro e saúde mental, enfatizando que é importante não ter metas financeiras que gerem culpa ou sensação de fracasso. Em entrevistas, ela conta que, para acertar no estilo e na linguagem do conteúdo, segue um ritual: “eu começo explicando o assunto para o meu pai. Se meu pai entendeu, sei que todo mundo vai entender” (RODRIGUES, 2020)<sup>66</sup>. Outro objetivo com essa etapa de teste da linguagem vem descrito em outra entrevista: “Quero que a pessoa que assista ao jornal na televisão saiba o que é inflação. Entenda o que o ministro está dizendo. Eu quero democratizar finanças e economia para as pessoas de baixa renda” (RODRIGUES, 2020)<sup>67</sup>.

Isto posto, o papel desenvolvido pela *persona* Nath Finanças em suas redes sociais, em especial no canal “Finanças com a Nath”, se mostra como uma saída para a crescente demanda por educação financeira e como ponto de escape ao modelo canônico de interação sobre finanças — seja em salas de aulas especializadas do ensino superior, instituições financeiras ou em palestras de famosos *coaches* — promovendo afetações, tensionamentos e desconstruções dentro da temática. E assim, ela tem se apresentado como promotora de espaços subjetivos de “atravessamentos produtivos dos modos de enunciar e de interagir possibilitados pela midiáticação em processo na sociedade” (XAVIER, 2017, p.324).

## O caso: a coach de pobreza

Ocupar um lugar em que fronteiras são dissolvidas — da linguagem, da autoridade sobre determinados assuntos, de conhecimento — e a autonomia promovida, como é o caso da atuação da Nath Finanças em suas redes sociais, principalmente no canal “Finanças com a Nath”, é, também, propiciar uma ambiência de constantes tensionamentos de poder. Um exemplo desse tipo de tensionamento ocorreu, recentemente, quando ela recebeu algumas críticas do jornalista Luis Nassif (FIG. 4).

A fala do jornalista dividiu os internautas entre defensores e detratores da jovem, do seu conteúdo e de Luis Nassif. De um lado, o jornalista e economista foi acusado de ser elitista, racista e classista. De outro, Nathália foi acusada de promover a glamourização da pobreza. Nesse último caso, inclusive, foi apelidada de “coach de pobreza” pelos internautas detratores. O fato ocorreu no dia 01 de janeiro de 2020 e teve tanta repercussão que, poucas horas depois, Nassif se desculpou publicamente pelo ocorrido — embora tenha optado por não apagar a publicação ofensiva. Em entrevista<sup>68</sup> concedida à revista Carta Capital, pouco após o ocorrido, a Nathália Rodrigues apresentou seu ponto sobre as críticas:

*Em nenhum momento eu falei que sou coach, mas algumas pessoas me chamaram de “coach de pobreza”. Eu não sou coach de pobreza, não gosto que me comparem dessa forma. O coach só motiva e não vai à raiz do problema, que é o sistema. Eu tento não absorver; porque, se eu absorver, vai me fazer muito mal. Se for uma crítica construtiva sobre o meu trabalho, de que eu deveria falar mais sobre o sistema, é uma coisa a se pensar, sobre a educação financeira no sistema capitalista. Eu não concordo com esse sistema, deixo bem claro isso. Agora, você chegar no deboche, me chamar de coach de pobreza, aí eu tento não absorver. Porque aí não é crítica, você não está fazendo algo melhor para as pessoas. Eu, pelo menos, estou querendo fazer alguma coisa para mudar a realidade delas, para, no mínimo, elas entenderem o sistema bancário e criticarem o sistema financeiro. É entender que o sistema financeiro*

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/3dh94Kx>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/3dh94Kx>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/37CQ8mx>>. Acesso em: 10 fev. 2020.



**Figura 3.** Alguns dos memes postados por seguidores do perfil Nath Finanças.

Fonte: *Twitter*.



**Figura 4.** Postagem do jornalista Luis Nassif no *Twitter*.

Fonte: *Twitter*.

*não está ali para ser seu amigo, mas sim, está esperando você se endividar. Então é isso o que eu faço com as pessoas para entender sobre taxa de juros, taxas bancárias. É sobre entender que o banco não está dando o desconto porque ele quer; é porque você está lutando pelo seu direito. É saber que existe um pacote de conta bancária que é gratuita, mas que não é divulgado. Eu estou pensando estrategicamente. Não adianta nada ficar na internet, sentada, reclamando. Tenho que fazer alguma coisa para mudar as pessoas. Se eu estou conseguindo chegar em uma senhora*

*da periferia que está entendendo o meu conteúdo e procura anotar os gastos, é porque estou no caminho certo. São essas as pessoas com quem me identifico e tenho foco. (RODRIGUES, 2020, entrevista à Carta Capital)*

Filiando-nos à Guacira Louro (2002), entendemos que o conflito no âmbito cultural “é, fundamentalmente, uma luta em torno da atribuição de significados. Significados que são produzidos em meio a relações de poder — não apenas porque eles expressam posições de poder, mas também porque têm efeitos de poder” (LOURO, 2002,

p.232). Assim, o embate nos pareceu relevante por fazer emergir questões sobre a regulação e a distribuição de poder em um contexto no qual os dispositivos interacionais não são de monopólio de grandes gênios, da indústria ou da ciência, mas são “a potência do homem comum” (PÉLBART, 2002, n.p), do sujeito subalternizado.

Além disso, o termo usado para se referir à Nath Finanças, “coach de pobreza”, traz à baila um debate antigo sobre qual seria o limite entre a autovalorização da vida subalternizada e a promoção da precariedade — entendida aqui como a promoção da vulnerabilidade (às ações dos outros), abordada por Judith Butler.

*A condição precária designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Essas populações estão mais expostas a doenças, pobreza, fome, deslocamentos e violência sem nenhuma proteção. (BUTLER, 2015, p.51)*

Isto é, a polêmica evocou questionamentos sobre até qual ponto a autovalorização de um sujeito subalternizado socialmente se constitui em um movimento de subjetivação, a partir da própria identidade, ou se constitui em uma *glamourização* de um lugar em que o sujeito é vulnerabilizado e está à mercê da apreensão, da consideração e do reconhecimento do outro para ter um tratamento digno.

## Nath Finanças: um dispositivo interacional interseccional de educação financeira

A partir da observação do objeto supracitado, sua aderência com o público, o compartilhamento de códigos e as inferências que acontecem nessas plataformas, parece-nos que a *persona* Nath Finanças se encaixa no que Braga define como um dispositivo interacional: uma matriz socialmente elaborada “e em constante reelaboração que de um modo ou de outro a sociedade aciona para poder interagir” (BRAGA, 2017, p.33) e um lugar de observação, a partir do qual se pode “reunir alguma variedade de aspectos estudados e conhecidos que permita estudar os sistemas de relações — que podem variar conforme circunstâncias e demais singularidades do processo em ocorrência” (BRAGA, 2010, p.8).

*“Dispositivos de interação” são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais — em suma — pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais. É nesse sentido que estaremos adotando a expressão [...] assinalando ainda que estamos voltados para dispositivos que se organizam social e praticamente como base para comunicação entre participantes (em qualquer abrangência, número, dimensão ou processualidade). É nesse sentido abrangente que tratamos de “dispositivos interacionais”. (BRAGA, 2011, p.11-12)*

Em uma visada propriamente comunicacional, um empreendimento analítico de tal dispositivo consiste em “esquadrinhar suas lógicas internas e relações com contextos” (BRAGA, 2020, p.19). Em síntese, trata-se de

*[...] perceber as urgências, apreender objetivos que os participantes desenvolvem conforme seus contextos, observar as estratégias em experimentação, as táticas seletivas, o “perpétuo preenchimento estratégico”, a lenta estabilização, a geração de discursos justificativos. (BRAGA, 2020, p.21)*

Portanto, para ir além da definição de uma plataforma ou de um formato de apresentação de um conteúdo, é preciso: 1) entender que é “na construção de arranjos, em geral, no próprio processo de elaboração — o jogo de tentativas — que encontramos a comunicação em ação” (BRAGA, 2020, p.20); 2) perceber as estratégias interacionais diversas usadas nas circunstâncias pertinentes, para relacionar participantes sociais (BRAGA, 2020, p.20), o que faremos a seguir.

## Sobre os arranjos: especialista e conselheira

O formato das interações adotadas por Nath Finanças — como uma *persona* conselheira especialista em determinado tema — não é um fenômeno novo, posto que a presença nas mídias de especialistas, que aconselham leitores, telespectadores, ouvintes ou usuários sobre diversos temas, remonta aos séculos passados. Por exemplo, o “aconselhamento sentimental, já era disponi-

bilizado nos jornais mais antigos, no século XVII, como decorrência de tentativas da sociedade em dar conta de suas questões práticas” (XAVIER, 2017, p.318).

No caso do nosso objeto empírico, é preciso enfatizar que o tema ganha relevância e aderência não apenas pelo modelo e formato que assume, mas também pelas urgências que atende no contexto brasileiro, como a ausência da educação financeira nos currículos escolares e na situação econômica nacional atual. Sobre esse último tópico, não é preciso ir longe para comprová-lo: atualmente, há sérias discussões políticas no Brasil para mudar o sistema de seguridade social. O resultado dessas alterações, se plenamente aprovadas, mudam a centralidade da decisão financeira “das instituições para os indivíduos, impondo aos trabalhadores a responsabilidade de poupar, investir e gastar sabiamente durante seu ciclo de vida” (LUSARDI; MITCHELL, 2011, p.13).

Segundo o Relatório de Cidadania Financeira do Banco Central do Brasil (BCB, 2018)<sup>191</sup>, nos últimos anos, a população brasileira passou a requerer mais serviços financeiros: a proporção de adultos com algum tipo de relacionamento bancário passou de 60,8%, no ano de 2005, para 86,5%, no ano de 2017. No mesmo período, o endividamento das famílias cresceu de 29% para 46% da renda disponível. Atualmente, em 2020, 65% da população brasileira está endividada<sup>190</sup>. Ou seja, os brasileiros adultos, que em sua maioria não passaram por uma formação financeira básica, estão não apenas tendo que lidar com as finanças pessoais no presente — e se endividando —, como também tendo que projetar e planejar possibilidades financeiras para o futuro.

## Sobre as estratégias interacionais: a biopotência e a interseccionalidade

Ao nos aproximamos da ambiência criada pelo fenômeno Nath Finanças, percebemos que sua estratégia de interação está em sua identidade. Isto é, por se tratar de uma *persona* fora dos padrões tidos como dominantes em relação a gênero, raça e classe e direcionado às pessoas com essas mesmas características, suas interações promovem um ambiente interseccional. O termo interseccionalidade se refere ao conceito teórico-metodológico, cunhado por Kimberlé Crenshaw, que trata de como os marcadores sociais — tais como raça, gênero, classe,

sexualidade e outros — têm uma natureza interligada e podem gerar opressões de natureza, igualmente, interligadas.

No primeiro artigo sobre o tema, em 1989, a autora faz uma crítica aos movimentos sociais (em especial ao Movimento Negro e ao Movimento Feminista) por entender que, ao focar em tratativas para o racismo e para o sexismo, como categorias separadas e isoladas, eles acabavam promovendo a marginalização de identidades que têm mais de um marcador. A partir de tal discernimento, Crenshaw apresenta uma metáfora, também utilizada por Akotirene (2018), para elucidar sua proposta conceitual: a sobreposição das opressões.

Segundo as autoras, os marcadores identitários são como avenidas e os sujeitos ao longo de suas vidas são posicionados nos cruzamentos dessas avenidas, de acordo com suas identidades e subjetividades (uma rua da raça, outra da classe e outra do gênero, por exemplo). Sujeitos posicionados em cruzamentos encontram-se em locais mais suscetíveis a “atropelamentos” individuais e simultâneos — do “carro do racismo”, do “carro do sexismo”, do “carro do classismos” e de outros “carros”. Ou seja, quanto maior o número de opressões que se sobrepõem, maior a situação de vulnerabilidade social desse sujeito.

Para embasar sua argumentação, Crenshaw revisou dezenas de casos jurídicos e verificou que, em sua maioria, as intersecções dessas categorias são negadas ou desconsideradas, o que gerava decisões judiciais equivocadas. A partir de tal revisão, apresentada no artigo de 1989, ela elencou três desses casos emblemáticos, sendo o mais conhecido: *DeGraffenreid* contra *General Motors* (1976). Emma DeGraffenreid era uma mulher negra que se candidatou para uma vaga de emprego na *General Motors*. Pouco tempo depois recebeu a notícia de que não havia sido contratada. Acreditando que não conseguira o emprego por ser uma mulher negra, DeGraffenreid entrou com uma ação judicial contra a fábrica.

No parecer jurídico, o juiz se recusou a aceitar a alegação de discriminação de raça e de gênero argumentando que o empregador contratava afro-americanos e contratava mulheres. Entretanto, o que o juiz não considerou é que todos os afro-americanos contratados pela *General Motors* eram homens e todas as mulheres contratadas eram brancas. A argumentação do juiz foi a de que se Emma entrasse com as duas petições, ela teria tratamento preferencial, isto é, ela teria a vantagem de ter dupla oportunidade, enquanto homens afro-americanos e mulheres brancas teriam apenas uma (CRENSHAW, 1989). O que faltou no caso, então, foi o reconhecimento de que “muitos dos problemas de justiça social, como racismo e sexismo, frequentemente se sobrepõem, criando múltiplos

<sup>191</sup> Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/Nor/releidfin/index.html>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

<sup>190</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2TdwuK7>>. Acesso em: 20 fev. 2020.



Figura 5. Imagem do canal “Finanças com a Nath”.

Fonte: Captura de tela do Youtube.

níveis de injustiça social” (CRENSHAW, 1989, p.144).

Neste sentido, a justiça social consistiria no reconhecimento da existência desse lugar social e no agir para sanar os problemas que emergem com naturezas próprias — complicados e sobrepostos. Quando esse reconhecimento e essa ação partem dos próprios sujeitos localizados nesse espaço de sobreposição de opressões, Maurizio Lazzarato e Toni Negri (2001) chamarão de biopotência — a crescente tendência, por parte dos sujeitos subalternizados, em “usar a própria vida, na sua precariedade de subsistência, como um vetor de autovalorização” (PELBART, 2002, n.p). Isto é, ao invés de serem apenas objetos de uma vampirização, esses grupos passam a construir “territórios subjetivos a partir das próprias linhas de escape a que são impelidos, ou dos territórios de miséria a que foram relegados” (PELBART, 2002, n.p). Suas identidades não são prisões, mas formas outras de viver. Formas essas que exigem criatividade, força, crenças e invenções.

É nesse contexto, de autovalorização produtiva a partir da própria subalternidade, que situamos o trabalho de Nathália Rodrigues, sob a identidade digital de Nath Finanças, como um dispositivo interacional interseccional de educação financeira. Seus conteúdos não passam apenas informações pasteurizadas e serializadas, mas específicas para um público que, assim como ela, se encontram em um lugar social de múltiplas opressões.

A *persona* Nath Finanças capta os diversos marcadores sociais dos sujeitos subalternizados — em especial classe, gênero

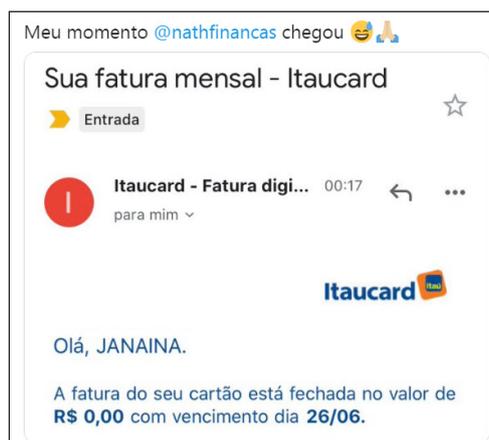
e raça — que incidem sobre a população brasileira e os introduz em seu conteúdo. Esses, por sua vez, modelam as interações que ocorrem nas redes sociais (como os memes em que os internautas confessam seus deslizes financeiros, por exemplo), mas também fora desse espaço, como o comportamento financeiro. Nesse sentido, a justiça social promovida por Nath Finanças está na democratização da educação financeira ao se colocar como igual ao seu público e, a partir dessa identificação, preparar um conteúdo que trate de vivências reais.

Em cada um dos seus vídeos para no *Youtube*, em seus *tweets* e em seus posts no *Instagram*, há uma clara valorização do contexto do brasileiro ordinário.

*Eu mostro formas para que as pessoas se organizem — e as pessoas se identificam com o que podem. Se puder guardar 20, 30 reais por mês já é maravilhoso! Nem sempre é possível, porque acontecem imprevistos. Quebra uma geladeira, um fogão... mas as pessoas estão aprendendo a se organizar. (RODRIGUES, 2020, entrevista ao Seis Minutos)<sup>[11]</sup>*

Nesse sentido, e em convergência com Crenshaw e Pelbart, parece-nos que as estratégias interacionais utilizadas pela *persona* Nath Finanças apresentam (com sucesso!) um alto nível de experimentação criativa ao dispositivo interacional pré-existente, o de aconselha-

<sup>[11]</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/37HNC00>>. Acesso em: 16 fev. 2020.



Figuras 6 e 7. Postagens retiradas do Twitter.  
Fonte: Twitter.

mentos financeiros. Suas práticas comunicacionais criam uma ambiência que concede aos sujeitos marginalizados acesso aos aconselhamentos financeiros, antes acessíveis apenas a uma parcela da sociedade. Portanto, a invenção social (BRAGA, 2020) da *persona* Nath é a de um circuito que quebra o padrão excludente de circunscrição “automática” de educação financeira aos sujeitos de classes mais elevadas. Ela apaga as fronteiras de dupla exclusão dos sujeitos marginalizados — são excluídos do circuito sobre educação financeira, porque são já excluídos sociais — e cria condições de acesso a esse circuito.

Ao trazer suas vivências permeadas por opressões múltiplas — oferecer dicas simplificadas e de fácil entendimento sobre finanças; apresentar aplicativos gratuitos que podem ajudar quem tem interesse no tema, mas não pode realizar grandes investimentos; ensinar a poupar dentro da própria realidade; estimular o estudo e o envolvimento com o universo financeiro sem, contudo, oferecer os famigerados passo a passo para a riqueza; entre outras abordagens — para o primeiro plano de seu conteúdo e traçar formas de caminhar apesar desse lugar, Nath Finanças se torna uma biopotência promotora da interseccionalidade na temática financeira.

## A autovalorização e a promoção da precariedade

Tomando como base o conceito de interseccionalidade, parte fundamental do pensamento feminista negro, acreditamos que as críticas recebidas pela jovem têm suas raízes em antigas discussões que buscam delimitar a linha

entre valorizar as diferenças e promover a precariedade da vida. Esse impasse inspira questões como: “qual a necessidade de se pensar múltiplos feminismos?”, “todas as mulheres não têm a mesma luta?”, “o sistema de cotas raciais não seria um mecanismo infantilizador das pessoas negras?”, entre outras. Trata-se de uma falta de sensibilidade analítica e heurística para pensar como o entrecruzamento de vulnerabilidades pode resultar em situações diversas de opressões e precariedade, desnivelado os sujeitos que precisam de remédios sociais próprios.

Sobre o movimento contrário à autovalorização das identidades subalternizadas, Kimberlé Crenshaw (1989, 1991, 2002) vai dizer que, por muito tempo várias pessoas pensaram que o apagamento das identidades raciais fosse o caminho para a justiça social, posto que a racialização é uma divisão realizada para subalternizar todo e qualquer sujeito não branco. Entretanto, segundo a autora, o caminho deve ser exatamente o oposto, uma vez que “o poder social na delimitação da diferença não precisa ser o poder da dominação; em vez disso, pode ser a fonte de empoderamento social e de reconstrução” (CRENSHAW, 1991, p.1242).

Em outras palavras, para ela, a justiça social não seria alcançada pelo apagamento dos marcadores como gênero, raça, classe e sexualidade. Pelo contrário, a justiça social se encontraria no reconhecimento de que múltiplas identidades geram múltiplas posições sociais e, portanto, opressões específicas que demandam novas políticas e percepções. Nesse sentido, o (auto)reconhecimento das diferenças é a relevância da biopotência (PELBART, 2002) dos grupos contra-hegemônicos: ao se autovalorizarem como são — com suas mazelas,



**Figura 8.** Postagem no Twitter.

Fonte: *Twitter*.

seus contextos e suas realidades —, eles se colocam na sociedade, marcam sua existência, suas demandas, suas necessidades, seus desejos. Portanto, a interseccionalidade é uma ferramenta capaz de modelar os processos de interação, os que conduzem às ações de justiça social.

Sistematizamos abaixo duas inferências viabilizadas pelo dispositivo interacional interseccional de educação financeira Nath Finanças. Tais pontos também respondem ao problema de pesquisa deste artigo sobre o “*limite entre a autovalorização vida subalternizada e a promoção da precariedade*”.

## Reconhecer múltiplos pertencimentos identitários promove justiça social

Todo o conteúdo produzido pela *persona* Nath Finanças reconhece os sujeitos em seus múltiplos pertencimentos, em especial raça e classe. Como mostramos, isso é uma premissa que consta em sua missão. O tweet abaixo é um exemplo dessa sóbria consciência acerca dos múltiplos pertencimentos identitários.

De forma simples e direta, ela está fazendo o que o juiz do caso DeGraffenreid — que Crenshaw nos traz em seu artigo e que apresentamos ao longo deste trabalho — não fez: reconhecendo que os múltiplos pertencimentos identitários impactam diretamente nas práticas sociais e nas interações diárias. Parece-nos, inclusive, que esse conteúdo suplanta o poder vigilante e disciplinador (que encarcera o corpo negro e pobre ao trabalho) e incentiva a autonomia e a politização individual. Evidenciar, por

exemplo, que fazer diversos turnos (de trabalho e estudo) ao longo de um dia para conseguir alcançar um nível básico de sobrevivência é extenuante, é escancarar a dimensão social e problemas tratados como individuais.

## Reconhecer reivindicações múltiplas e híbridas desestabiliza a distribuição do poder

A autovalorização dos sujeitos socialmente subalternizados em seus múltiplos pertencimentos é uma forma de redistribuição do poder, talvez por isso ela gere tanto incômodo. Segundo Grada Kilomba (2016), para a manutenção da dinâmica de circulação de poder em apenas um polo basta que quando sujeitos pertencentes a grupos hegemônicos falem, o conteúdo logo seja tratado como científico, universal, objetivo, racional, imparcial, factual e fruto de conhecimento. Ao passo que quando as reivindicações partem de sujeitos subalternizados socialmente, automaticamente são tomadas como algo emocional, específico, subjetivo, imparcial, opinativas e experiências isoladas. “Essas não são apenas categorizações semânticas; elas possuem a dimensão de poder que mantém as posições hierarquizadas” (KILOMBA, 2016, n.p).

As tentativas de silenciamento são, assim, uma forma de apagamento da existência do outro nas mais diversas dimensões das relações sociais e, portanto, uma tentativa de perpetuar lugares sociais. Ao criar o projeto Nath Finanças e driblar essa distribuição de posições sociais de quem pode controlar e organizar a própria vida financeira, e ainda mostrar que nem todos os problemas financeiros

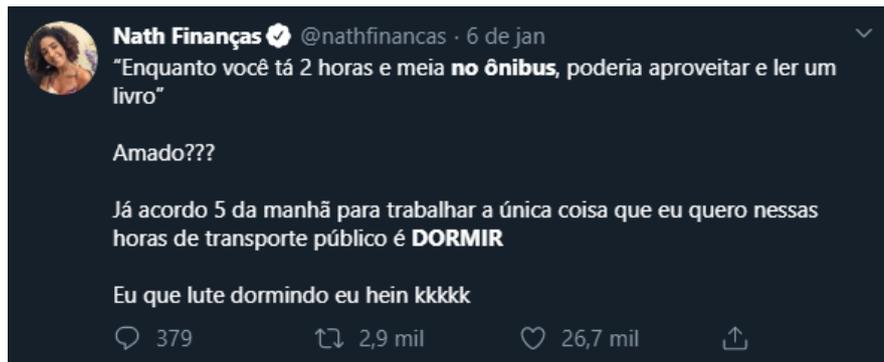


Figura 9. Postagem no Twitter.

Fonte: *Twitter*.

domésticos tem uma natureza individual, mas, sim, social, Nathália Rodrigues — mulher, negra, pobre e periférica — desorganiza e desestabiliza a distribuição de poder.

## Considerações finais

Cotidianamente, sujeitos que estão localizados sob múltiplos marcadores de subalternidade são invisibilizados ou apenas parcialmente considerados em suas interações. A partir da nossa aproximação do caso citado, entendemos que para mudar essa estrutura social seria preciso inverter a abordagem sobre as desigualdades, passando a pensá-las da base para o topo, o que possibilita modificar as estruturas hierárquicas como um todo. Os marcadores precisam ser considerados em primeiro plano, bem como suas intersecções.

As interações em que há reconhecimento das diferenças são as mais próximas de produzir justiça social. Ao passo que as práticas que menos reconhecem os marcadores sociais não apenas se distanciam dos sujeitos como acabam por proporcionar situações opressivas, em que o poder se encontra concentrado em um polo. Assim, não é estranho que interações interseccionais, como as produzidas por Nath Finanças em suas redes, causem incômodos e desconfortos, uma vez que elas desestabilizam e fazem circular o poder.

A *persona* Nath Finanças se mostra como um dispositivo interacional (BRAGA, 2011), na medida em que se porta como uma ambiência relacional agenciadora e modeladora da visão e das interações sociais: entre os sujeitos; entre os sujeitos e a mídia; entre os sujeitos e os contextos. Assim, trata-se de um espaço subjetivo de valores, normas e referências que orientam a vida dos sujeitos sobre o “eu” e sobre “o outro”; sobre o “nós” e o

“eles”. Esse processo não entrega fórmulas prontas, mas considera a diversidade social dos brasileiros, valoriza as identidades subalternas, apaga fronteiras e incentiva a construção de autonomia. Trata-se de uma ambiência interseccional e também a expressão exata da biopotência.

Sobre as críticas recebidas acerca do conteúdo produzido por Nath Finanças, com base no exposto até aqui, parece-nos um recurso para asfixiar o dispositivo em si. Isto é, uma tentativa de impedir a emergência de novos modos de vida que se autovalorizam em suas práticas cotidianas, mesmo quando em lugares não valorizados pelo restante da sociedade. Um tensionamento que tem por objetivo suplantar o dispositivo interacional interseccional e seu potencial em difundir e criar novas interações conscientes, autônomas e politizadas, nesse caso, sobre finanças.

## Referências

- BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, v. 25 (58), jan.-abr (edição revista, anotações de atualização), São Leopoldo: Unisinos, 2011a, p. 62-77. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/924>>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- \_\_\_\_\_. Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos em Comunicação. In: FERREIRA, Jairo; PIMENTA, Francisco José Paoliello; FREITAS, Luiz Signates (Org.). *Estudos de Comunicação: transversalidades epistemológicas*. São Leopoldo: Unisinos, 2010a, p. 19-38.
- \_\_\_\_\_. Dispositivos Interacionais. In: *Anais do XX Encontro Anual da Compós, GT Epistemologias da Comunicação*, Porto Alegre: UFRGS, 2011b. Disponível em: <<http://>

- [www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1657.doc](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.doc)>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- \_\_\_\_\_. Interação como contexto da comunicação. *Matrizes*, v. 1, série 6, São Paulo: USP, p. 25-41, 2012d.
- \_\_\_\_\_. Interagindo com Foucault: os arranjos disposicionais e a Co-municação. In: *XXVII Encontro Anual da Compós*, 2018, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2018/trabalhos\\_arquivo\\_TUYEGGUY90CMV-19NHPB9\\_27\\_6300\\_08\\_02\\_2018\\_10\\_58\\_00.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_TUYEGGUY90CMV-19NHPB9_27_6300_08_02_2018_10_58_00.pdf)>. Acesso em: 4 nov. 2019.
- \_\_\_\_\_. O grau zero da comunicação. *E-Compós*, v. 18, série 2, Brasília, p. 1-17, 2015.
- \_\_\_\_\_. O que a comunicação transforma? In: BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (Orgs.). *Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013, p. 156-171.
- \_\_\_\_\_. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. *Contracampo*, v. 10/11, fascículo 2004/2, Niterói: UFF, p. 219-235, 2004.
- \_\_\_\_\_. Perspectivas para um conhecimento comunicacional. In: VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata (Org.) *Epistemologia da Comunicação no Brasil: trajetórias autorreflexivas*. São Paulo: ECA/USP, 2016, p.123-141.
- \_\_\_\_\_. Um conhecimento aforístico. *Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação*, v. 1, série 2, jan./jul., São Leopoldo: UNISINOS, p. 44-53, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Uma conversa sobre dispositivos*. Belo Horizonte: PPGCOM/UFGM. 2020
- \_\_\_\_\_. Uma teoria tentativa. *E-Compós*, v. 15, série 3, set./dez., Brasília: Compós, p. 1-17, 2012a., Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/811/629>>. Acesso em: 19 ago. 2020.
- BRAGA, J. L.; RABELO, L., MACHADO, M., ZUCOLO, R., BENEVIDES, P., XAVIER, M.P., CALAZANS, R., CASALI, C., MELO, P.R., MEDEIROS, A.L., KLEIN, E., and PARES, A.D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017.
- BUTLER, J. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *The University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, p. 139-167, 1989.
- \_\_\_\_\_. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, 43(6), p.1241-1299, 1991.
- \_\_\_\_\_. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- LOURO, G. L. Gênero: questões para a educação. In: BRUSCHINI, Cristina e UNBEHAUM, Sandra. (Orgs.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial Literacy around the World: An Overview. *Journal of Pension Economics & Finance*, Cambridge, UK, v. 10, n. 4, p. 497-508, out. 2011.
- KILOMBA, G. A máscara. *Cadernos de Literatura em Tradução, Especial Negritude e Tradução*, n. 16, p.171-180, 2016.
- PELBART, P. P. *Biopolítica e biopotência no coração do império*. 2002. Disponível em: <<https://www.multiplicidades.net/>>. Acesso em: 20 fev. 2020.
- XAVIER, M.P. Dispositivos “psi” midiaticizados: a coluna Vida Íntima. In: BRAGA, J. L.; RABELO, L.; MACHADO, M.; ZUCOLO, R.; BENEVIDES, P.; XAVIER, M. P.; CALAZANS, R.; CASALI, C.; MELO, P. R.; MEDEIROS, A. L.; KLEIN, E.; PARES, A. D. *Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p. 449.